

## **BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS E ESPECIALIZADAS: PARALELOS E CONTRASTES**

**NICE FIGUEIREDO**

Departamento de Biblioteconomia - Universidade de Brasília

Principais semelhanças e diferenças existentes entre bibliotecas universitárias e bibliotecas especializadas, no que diz respeito à coleções, serviços, objetivos, pessoal, estrutura administrativa, suporte administrativo e financiamento. Quadro da situação das bibliotecas universitárias no continente Latino-americano, barreiras existentes para a melhoria destas bibliotecas. Fatores essenciais à criação de um ambiente favorável ao desenvolvimento das bibliotecas universitárias na América Latina.

Estes dois tipos de bibliotecas são, reconhecidamente, os que se acham em melhor situação no continente latino. Esta pelo menos foi a conclusão alcançada no Seminário Ibero-Americano sobre Planejamento de Serviços Bibliotecários e de Documentação, realizado sob a égide da Unesco, em Madrid, em 1968. Conforme o informe final, a situação das bibliotecas universitárias e especializadas foi descrita como: “Apesar de constituírem o grupo de bibliotecas melhor dotadas (em comparação com as nacionais, públicas e escolares) nota-se uma séria falta de coordenação entre elas que venha a permitir um melhor aproveitamento dos seus recursos.” (14:4) Estas afirmações são ainda perfeitamente válidas, 10 anos após terem sido expressas, que se aplicam também de maneira correta, ao quadro da situação das bibliotecas universitárias e especializadas no Brasil.

Estes dois tipos de bibliotecas são contudo semelhantes, no que diz respeito as suas coleções, i.e., o nível intelectual das mesmas, já que visam servir uma clientela de formação superior. Também, quanto aos serviços prestados, possuem certa semelhança, principalmente porque as universidades latinoamericanas, a maioria não possuindo ainda bibliotecas centrais, mas sim encontrando-se as coleções espalha-

das pelos diferentes departamentos, estas coleções, muitas vezes, se constituem em verdadeiras bibliotecas especializadas, passíveis de gerar tipos de serviços similares aos prestados pelas bibliotecas especializadas propriamente ditas.

Quanto ao pessoal bibliotecário, fica patente que, tanto na biblioteca universitária, quanto na especializada, há necessidade de pessoal de alto nível, a fim de poder existir uma oportunidade de comunicação entre os usuários e aqueles que pretendem ser os intérpretes da coleção, a fim de que ela possa ser utilizada de maneira eficiente.

Quanto à estrutura organizacional, ao suporte administrativo e ao financiamento da biblioteca universitária, em relação à biblioteca especializada, nota-se um contraste acentuado, e que vem totalmente em detrimento da biblioteca universitária. Examinemos com detalhes, primeiramente as bibliotecas especializadas.

As bibliotecas especializadas, na forma como as conhecemos hoje em dia, começaram a surgir no começo do século XX, em resposta ao avanço crescente nas áreas de ciência e tecnologia. O período de maior expansão deste tipo de biblioteca teve início após a segunda grande guerra, e pode-se dizer que ainda não terminou, particularmente no mundo latino.

As bibliotecas especializadas são diferenciadas dos demais tipos de bibliotecas pela sua estrutura de orientação por assunto, e pelo fato de que as organizações as quais elas pertencem terem objetivos específicos, e estes objetivos, por sua vez, devem nortear todas as atividades da biblioteca, dentro das áreas de conhecimento abrangido pela empresa a qual ela serve. Uma biblioteca especializada fornece serviço, i.e., torna acessível a uma organização, qualquer conhecimento ou experiência que possa ser coletada, para avançar os trabalhos desta empresa e fazê-la, assim, atingir os seus objetivos. (7:61)

Estas bibliotecas podem se localizar em organizações as mais diversas, a maioria pertencendo a companhias industriais; contudo, podem existir bibliotecas especializadas em agências do governo (ministérios, autarquias, empresas semi-estatais), instituições particulares de pesquisa, sociedades profissionais, associações de comércio, instituições acadêmicas com coleções departamentais, em bibliotecas públicas com coleções especializadas de assunto, e ainda, em hospitais, bancos, escritórios de engenharia e planejamento, de advocacia, etc.

Uma das características mais acentuadas das bibliotecas especializadas é o tipo de material que constitui as suas coleções; enquanto que em outras bibliotecas o material livro/folheto é o mais comum, nas bibliotecas especializadas a importância

maior é dada á informação contida num livro, ou em qualquer outro material, podendo ser também a informação ainda não impressa, não publicada, pois que um dos objetivos e características das bibliotecas especializadas é a de se antecipar à necessidade de sua clientela.

Dentre os materiais típicos de bibliotecas especializadas citam-se, além de livros e folhetos: periódicos especializados, periódicos de índices, de resumos, de revisões da literatura, bibliografias, publicações governamentais, relatórios de pesquisa, relatórios de companhias, de entidades do governo, catálogos comerciais e industriais, teses, patentes, diretórios, mapas, recortes de jornal, plantas de engenharia, dados estatísticos, levantamentos de mercado, correspondência técnica, microformas, saídas de computador, cadernos de notas de laboratório, etc. No dizer de um autor, o número de arquivos verticais para a guarda deste material diferenciado, é muito mais significativo, como medida da coleção, do que o número de livros, no ambiente de uma biblioteca especializada. (21:764)

Uma outra das características marcantes de bibliotecas especializadas é o tamanho relativamente pequeno de suas coleções e, por conseguinte, além de um trabalho constante da avaliação da coleção, é mantida uma intensa atividade de cooperação bibliográfica entre elas, mencionando-se empréstimo-entre-bibliotecas, depósitos de material de pouco uso, preparação de diretórios, aquisição e catalogação cooperativa, troca de duplicatas, catálogos coletivos de vários tipos, etc.

Quatro elementos são citados para fazerem de uma coleção especializada uma biblioteca especializada: 1) Serviços especiais e personalizados; 2) Atualidade da coleção; 3) Coleções e serviços não abertos ao público; 4) Dependência de outras bibliotecas para ajudar a suprir as necessidades da clientela. (19:63-70)

Em qualquer situação ou localização no entanto, os objetivos das bibliotecas especializadas, conforme estabelecido pela Especial Libraries Association são: adquirir, organizar, manter, utilizar e disseminar materiais relacionados às atividades da organização a que pertencem. (10:19)

Para bem cumprir estes objetivos, as funções das bibliotecas especializadas se definem como:

1. Desenvolvimento da coleção, de acordo com as necessidades da organização;
2. Manutenção de catálogos, índices e referências sobre assuntos especializados;
3. Disseminação da informação corrente através de: exposições, fornecimento de

cópias, notificações pessoais, preparação e distribuição de listas de novas aquisições de boletins e publicações especiais, como cópia de sumários de periódicos;

4. Empréstimo de livros e circulação automática de periódicos;
5. Indexação e resumo de relatórios internos e de correspondência técnica;
6. Manutenção de serviço de referência para fornecimento de respostas a questões rápidas ou que requeiram maior tempo e para a localização de material ou de informação em qualquer fonte ou em outra biblioteca;
7. Compilação de bibliografias e preparação de relatórios;
8. Assistência editorial às publicações da organização;
9. Serviços de tradução;
10. Serviços personalizados de vários tipos: buscas na literatura, compilação de dados, listas selecionadas com resumos de artigos de periódicos, serviços de alerta, etc.
11. Orientação em levantamentos da literatura e treinamento no uso da coleção.

Como bem se pode perceber, é respeitável a lista de serviços que podem ser prestados por uma biblioteca especializada. E, logicamente, uma biblioteca com esta lista de prestação de serviços não é uma entidade que possa ser criada e/ou mantida com um orçamento baixo ou flutuante. Um autor chega a levantar este ponto de vista: “A questão não é se uma companhia pode manter uma biblioteca, mas sim, se pode manter-se sem uma. (18:40) Seguindo este ponto de vista, e também debatido o fato de que o investimento feito por uma companhia para a instalação e montagem de uma biblioteca representa muito mais um valor de economia do que uma despesa propriamente dita para a organização. Concluimos que a biblioteca pode contribuir para a empresa economizar dinheiro, da seguinte maneira:

1. Fornecendo informações de ordem prática para ajudar a administração da companhia, da maneira mais rápida e mais barata que qualquer outra fonte;
2. Diminuindo os custos de operação da companhia pela eliminação de duplicação de esforços de pesquisa;
3. Eliminando muitas vezes, necessidade de pesquisa, fora da companhia (2:26)

Reforçando este ponto de vista, um outro autor, há vinte anos atrás já escrevera:

“Às três necessidades básicas da indústria moderna: homens, materiais e máquinas, foi acrescentada uma quarta: informação. Numa época caracterizada por rápidos avanços nos campos da ciência e da tecnologia, assim como também nas técnicas de gerência, a necessidade pela informação sobre o mais recente acontecimento, tornou-se essencial para organizações de negócios que desejam obter a liderança na sua área de atuação. O que leva o mundo industrial, cioso do dólar gasto, a dispender em livros e bibliotecas? A resposta reside no simples fato de que, para a indústria operar, é essencial grande diversidade de informação. Apesar dos computadores avançados e de outros instrumentos eletrônicos, a fonte básica de informação - além da experimentação original - é, ainda, a palavra escrita. (12:49)

Percebe-se, assim, a importância do papel que pode ser desenvolvido pela biblioteca especializada dentro da organização a que ela se subordina e a cujos objetivos tem que atender de maneira eficiente. Observa-se, contudo, na literatura, que “nem todas as bibliotecas de companhia são eficientes e se auto-financiam.” Várias falhas são mencionadas, a falha principal sendo apontada como a falta de apoio da organização.

Esta falta de apoio é atribuída àquela imagem errônea que perdura na mente de muitos administradores. Como diz uma autora: “aquela concepção errada do papel e da função da biblioteca; de que a biblioteca circula livros para o entretenimento e elevação gerais”. (18:36) Concepção, sem dúvida, forjada somente na idéia que se tem de apenas uma das inúmeras facetas e atividades da biblioteca pública. Esta imagem está, obviamente, muito afastada da que foi apresentada antes, quando se detalhou toda a gama de prestação de serviços que uma biblioteca especializada bem equipada está preparada para fornecer.

Assim, se se deve esperar uma contribuição efetiva da biblioteca especializada, “deve haver uma linha direta de comunicação entre a biblioteca e o grupo de administração da empresa”. (18:40) A biblioteca especializada somente pode bem cumprir com as suas finalidades, se estas estiverem de acordo com os objetivos maiores da instituição a que serve, assim, o sucesso da operação da biblioteca depende, largamente, do apoio da administração.

Este apoio, ou a adequação do apoio que deve ser recebido pela biblioteca especializada é, assim, descrito em quatro fatores básicos:

1. O lugar da biblioteca na estrutura da organização;
2. As acomodações físicas colocadas à disposição da biblioteca;

3. O tamanho do quadro de pessoal;
4. O orçamento; (12:54)

Além disto, e para que seja mantida aquela “linha direta de comunicação” entre a biblioteca e a administração da companhia, o bibliotecário deve ter acesso ou conhecimento dos projetos em andamento, pois só assim ele poderá preparar os instrumentos necessários para apoiar as pesquisas no âmbito da biblioteca especializada. Com esta finalidade, em muitas organizações o bibliotecário participa das reuniões de planejamento de pesquisa e desenvolvimento. Reconhecidamente, a biblioteca especializada somente poderá fazer uma contribuição realmente importante à organização, e assim se auto financiar, se houver esta comunicação entre ela e a empresa a qual serve. (12:56)

Vejamos agora o quadro da situação, no que se refere às bibliotecas universitárias, no continente latino-americano.

No relatório emanado do Seminário Regional Sobre o Desenvolvimento das Bibliotecas Universitárias na América Latina, realizado em Mendoza, em 1962, e patrocinado pela Unesco, conforme descrito por Gelfand — nome conhecido na área da biblioteconomia brasileira, consultor que foi da Ford Foundation e da própria Unesco, e autor de um texto clássico sobre bibliotecas universitárias em países em desenvolvimento — “os participantes acentuaram a importância das bibliotecas com relação às universidades, ao declararem estarem profundamente convencidos de que: a) o nível dos países depende do grau alcançado por sua educação superior; b) a educação superior depende da forma com a qual a universidade cumpre os seus objetivos, e c) as universidades serão o que sejam as suas bibliotecas universitárias.” (6:20)

Este seminário, segundo o autor, “teve uma grande importância pois que permitiu se fazer uma análise completa e uma avaliação dos recursos, serviços, instalações e métodos usados nas bibliotecas universitárias latino-americanas, e assinalar, ao mesmo tempo, os obstáculos que são precisos superar para que as bibliotecas contribuam para a execução do programa global do desenvolvimento universitário (6:20)

Assim, a situação apresentada como sendo o quadro das bibliotecas universitárias na América Latina, em 1962, e apenas nos aspectos que trazem interesse a esta reunião (i.e., omitindo-se a apreciação feita com relação ao item 3 serviços técnicos das bibliotecas) foi a seguinte de acordo com os dados colhidos no questionário elaborado pela Unesco:

### **Com respeito à cultura:**

- a) Uma desconcertante variedade de todas as ordens: universidades estaduais, livres, confessionais, etc., número diferente de faculdades, de professores, de alunos, etc.;
- b) Falta de bibliotecas centrais bem organizadas e de cooperação entre bibliotecas;
- c) Falta de regulamentos eficientes;
- d) Falta de participação do bibliotecário diretor, tanto nas Juntas de Governo como nas comissões de Orçamento da Universidade.
- e) Falta de pessoal técnico e administrativo, em número necessário para o desempenho cabal dos serviços, etc.

### **Com respeito aos fundos bibliográficos e coleções:**

- a) Grandes lacunas nos fundos destinados à maioria das disciplinas e número elevado de coleções incompletas;
- b) Falta de publicações recentes procedentes de países estrangeiros, inclusive as impressas em espanhol e em português;
- c) Presença de livros, folhetos, etc., inúteis, pela data de sua impressão, para a docência universitária;

### **Com respeito ao financiamento:**

- a) Orçamentos inadequados para a manutenção média das bibliotecas universitárias, e salários muito reduzidos e insuficientes para o pessoal técnico, auxiliar e administrativo. (13:6-7)

As recomendações feitas quanto aos itens acima, e que têm interesse a este seminário, seguem-se:

### **Em relação com a estrutura da biblioteca da universidade**

O Seminário considerou a imprescindível necessidade da existência de uma perfeita rede de bibliotecas universitárias coordenadas por uma biblioteca central orientada por regulamentos que estabeleçam a estrutura interna das bibliotecas e suas

várias funções técnicas e administrativas, assim como a participação do bibliotecário no organismo de governo da universidade ou faculdade.

### **Em relação com os fundos bibliográficos e documentário**

O Seminário considerou que o Diretor da Biblioteca tem autoridade para decidir sobre o material que deve ser incorporado às coleções e que, para a sua **seleção**, deverá fazer-se assessorar pelo corpo-docente da universidade. Outrossim, aconselhou a aquisição planificada do material bibliográfico e documentário.

### **Em relação com os edifícios e equipamento**

O Seminário reconheceu a urgente necessidade de serem as bibliotecas universitárias dotadas de edifícios funcionais adequados ao cumprimento de seus fins. Para alcançar este objetivo, os planos deverão ser preparados pelos arquitetos, em estreita colaboração e consulta com os bibliotecários.

### **Em relação com a cooperação interbibliotecária**

O Seminário comprovou, à vista dos documentos de base e do intercâmbio de opiniões, que há necessidade de uma estreita colaboração interbibliotecária como o meio mais eficaz para aumento das possibilidades individuais das bibliotecas no cumprimento de seus fins, e para que se evite a duplicação de projetos de custo elevado.

### **Em relação com o financiamento**

A falta de recursos econômicos nas bibliotecas universitárias na América Latina constituiu preocupação constante do Seminário. Já que eles são fator influente na situação desfavorável em que as mesmas se encontram. Isto tem incidido nos salários e, não raro, insuficientes dos bibliotecários, daí resultando ser condição de alta prioridade remediar essa anomalia com a maior brevidade possível.

No estudo deste tema o Seminário considerou necessário, a fim de determinar bases funcionais de financiamento, que se iniciem pesquisas que revelem os recursos econômicos requeridos pelas bibliotecas, de acordo com suas circunstâncias especiais e em vista de seus objetivos, para que possam estender e melhorar seus serviços.

Neste sentido, o Seminário foi explícito ao declarar que do orçamento total de cada universidade ou instituição se destine não menos que 5% para os serviços bi-

bliotecáneos. Os vencimentos dos diretores das bibliotecas não deverão ser inferiores aos dos professores titulares contratados em regime de dedicação exclusiva e, em proporção a esses salários, devem ser estabelecidos os do restante do pessoal em exercício nas bibliotecas. (13 7,8,9,10)

O relatório faz ainda menção a fontes de ajuda exterior, que omitiremos aqui.

Num documento clássico, datado de 1966, a autora, uma bibliotecária argentina, foi uma das primeiras pessoas no continente a falar da necessidade de que no planejamento nacional da educação de um país deve fazer parte o planejamento bibliotecário, i.e., juntamente com o planejamento da educação nacional, deve ser feito um levantamento da situação dos serviços bibliotecários existentes, e serem tomadas medidas para tomá-lo eficiente e capaz de servir de apoio ao planejamento da educação proposto ao país. (11:9)

Neste mesmo documento é feita a declaração seguinte: “os países ao iniciarem ou ao acelerarem o seu desenvolvimento, isto é, em grande parte devido ao nível alcançado na ciência e na tecnologia, e, portanto, existe uma relação estreita entre desenvolvimento econômico e ensino superior.” (11:9)

Continua o documento explicando que, mais pela questão de prestígio e importância que é dado ao ensino superior na América Latina do que, realmente, por uma preocupação ou motivação neste sentido, as universidades, em geral, têm procurado se equipar com bibliotecas que respondam aos objetivos expressos de uma instituição de ensino superior.

Assim, se as bibliotecas universitárias, por sua vez, não conseguem obter o nível desejado de prestação de serviços, isto tem sido muito mais pelas limitações impostas pela estrutura e formas de atividade da própria universidade do que, na verdade, pelo desconhecimento dos bibliotecários das responsabilidades que cabem às bibliotecas universitárias dentro do ensino superior. O problema, então, conclui a autora do documento, só poderá ser resolvido a nível da própria Universidade, no que diz respeito a sua administração geral. (11:9)

Estas declarações vêm, sem dúvida, corroborar as conclusões do Seminário de Mendoza, em 1962.

Examinemos, então, com cuidado, os pontos levantados nestas últimas considerações, isto é, o que diz respeito aos objetivos das universidades. Ainda dentro das conclusões do Seminário de Mendoza, foi declarado que: “A missão do ensino superior deve realizar-se através das distintas funções da universidade”. Estas funções

foram estabelecidas de acordo com as tendências previstas no ensino superior na América Latina, nos dez anos seguintes, i.e., de 1966/1976. Foram estas as funções delineadas para as universidades latino-americanas pelo Seminário de Medoza: (13:5)

- a) **a função de ensino**, que deve merecer atenção preferencial;
- b) **a função de preparo profissional**, o serviço mais visível que a universidade presta à comunidade.

Opinou-se, neste sentido, que a universidade deve ampliar o quadro das disciplinas tradicionais, chamadas liberais; deve ser reconhecida a existência de novas ocupações que mereçam adquirir nível universitário, e atender as necessidades do estado atual dos países latino-americanos no que se refere à formação de pessoal idôneo.

- c) **a função de investigação científica**, que se reconhece como missão própria da universidade, desde que seu cultivo não resulte em detrimento de seus diversos fins;
- d) **a função cultural**, que também deve ser atendida, uma vez que a universidade não esgota seus objetivos na tarefa da instrução profissional. Cabe aceitar o lema contido no documento de base: "Por meio da profissão até o mundo da cultura"
- e) **a função de extensão universitária**, que corresponde ao que se chamou **a universidade trabalhando em direção externa**, visando ao público, em seus diversos níveis e interesses. Na etapa atual de desenvolvimento da América Latina, esta tarefa é ineludível. Devem também merecer atenção os pós-graduados, a fim de que sejam mantidos em dia quanto ao progresso técnico e científico.

Dois autores de obra clássica americana discutiram num capítulo do seu livro as "Funções da Universidade e da Biblioteca" e, após dizerem que "as funções da universidade, apesar de mudanças que podem ocorrer periodicamente, parecem seguir um padrão consistente", resumem estas funções como sendo: 1) Conservação do conhecimento e das idéias; 2) Ensino; 3) Pesquisa; 4) Publicação; 5) Extensão, e 6) Interpretação. (20:15)

Gelfand diz no seu livro. "Para que sejam eficientes, sobretudo em países em vias de desenvolvimento, as universidades deveriam organizar-se, desenvolver-se e serem administradas com vistas a objetivos que reflitam as necessidades e os propósitos concretos do país, em vez de apegarem-se aos objetivos tradicionais de uma universidade" .(6:17)

Como exemplo, vale a pena citar o mencionado pelo autor, isto é, os objetivos estabelecidos na Conferência que, “além das funções e obrigações tradicionais de ensino e a de fazer avançar o conhecimento através da investigação, o papel do ensino superior no desenvolvimento social, cultural e econômico da África consiste em, entre duas coisas: a) Criar condições que permitam a unificação da África; b) Favorecer o estudo e o conhecimento da cultura e do patrimônio africanos, fazer desaparecer os conceitos errôneos sobre a África; c) Estruturar, a longo prazo, um sistema de ensino superior verdadeiramente africano, a serviço da África e de sua população, que promova, ao mesmo tempo, o sentimento de pertencer à grande família da humanidade. (6:18)

No Brasil, conforme a lei da reforma universitária de 1968, as funções das universidades brasileiras deveriam desenvolver-se através das atividades de ensino, pesquisa, pós-graduação e extensão. Constata-se, no entanto, como já o fizeram outros autores, que nesta Lei 5.540/68 que tratou da reforma do ensino superior, não foi feita nenhuma alusão às bibliotecas, o papel, objetivos, etc. que teriam a desempenhar junto às universidades, ou como suporte ao ensino superior no país.

Vejamos então, não havendo referência nas leis, o que dizem os especialistas brasileiros sobre quais seriam os objetivos da biblioteca universitária; primeiramente os objetivos estabelecidos pelo Prof. Nery da Fonseca:

- a) Cooperar com os programas escolares, satisfazendo as necessidades de professores e alunos;
- b) Orientar os professores e alunos no uso esclarecido e proveitoso dos recursos bibliográficos e audio-visuais da universidade e de outras bibliotecas;
- c) Cooperar com os professores na seleção e emprego de todos os tipos de materiais que sirvam aos programas de ensino;
- d) Orientar professores e alunos na utilização das instituições de pesquisa e das fontes de informação do país e do estrangeiro;
- e) Participar com os diretores e professores na elaboração de programas que visem o constante aperfeiçoamento profissional e cultural do pessoal docente;
- f) Cooperar com outras bibliotecas e agências de serviço social no planejamento e execução de um programa bibliotecário para toda a comunidade ou zona em que se encontre a universidade. (5; 13)

Enfatizando e resumindo o ponto que queremos fazer, tomamos nossas as palavras de uma bibliotecária brasileira, especialista no assunto:

“A falta de objetivos definidos para o ensino universitário provocou, no Brasil, idêntica indefinição dos objetivos de suas bibliotecas. Estatutos e regimentos aludiam, é certo, e sempre de maneira vaga e imprecisa, às finalidades das Instituições e ao papel que a biblioteca deveria desempenhar como suporte às atividades da escola ou faculdade a que pertencia. Dentre as imprecisões de objetivos da biblioteca, encontrava-se, porém, algo bem definido: deveria ela fornecer material de complementação às informações e transmitir — no caso de usuários docentes - ou a receber - no caso de usuários estudantes.” (9:12)

Num artigo recente, de 1977, um outro autor, seguindo o pensamento moderno de organizações sistêmicas, vê a biblioteca universitária como um subsistema do sistema universidade, e declara: “Uma biblioteca, organizada de maneira adequada, pode contribuir substancialmente para a melhoria do sistema acadêmico; ao contrário, uma estrutura documentária e informacional inadequada pode tomar-se num fator altamente perturbador do sistema.” (16:328)

Perguntamos, então, quais seriam as condições que criam um ambiente favorável ao desenvolvimento das bibliotecas universitárias?

Segundo Gelfand, estas condições são: “a organização, administração, localização das faculdades, os métodos de ensino e critérios em matéria de investigação e publicações, o número e o tipo de estudantes, a extensão dos planos de estudo, o órgão ou pessoa que exerce a direção da vida universitária, as fontes de financiamento, o apoio econômico com que conta a biblioteca, a autoridade e situação do diretor de biblioteca universitária e de seu pessoal, e os planos de desenvolvimento da Universidade.” (6:25) São todos estes, também, em resumo, os fatores que conduzem a universidade à realização dos seus objetivos educacionais.

Mas, as características estruturais e organizacionais das universidades latinas não conduzem à consecução daqueles objetivos, pois assim foram elas descritas: “Nossas universidades, formadas pela reunião de faculdades dedicadas, fundamentalmente à formação profissional, nem sempre cumprem de maneira satisfatória com os objetivos que hoje se conferem a uma universidade. Faz tempo que se enunciam estes objetivos da universidade e se assinala que a universidade não é que não os conheça, mas sim, até agora, ela não tem se revelado capaz de se estruturar para permitir atingir aqueles objetivos de maneira satisfatória.” (11:9)

Com relação ao Brasil, um trabalho recente faz as seguintes observações, citando conhecido educador: “A ampliação do ensino superior no Brasil, causada por pressões sociais e demográficas, concretizou-se pela proliferação de novas Universidades e estabelecimentos de ensino, repetindo os modelos já existentes (de ensino tradicional) ainda hoje prevalece no País, exagerado número de estabelecimentos isolados de ensino superior (embora a lei determine a sua constituição em universidade ou agregação em Federações) voltados exclusivamente para o ensino profissional desvinculado, portanto, da pesquisa . Verifica-se, portanto, até hoje, grande descompasso no estágio de desenvolvimento dos estabelecimentos de ensino superior.” (9:15)

Com relação à situação das bibliotecas universitárias, este foi o quadro pintado por Sabor em seu documento de 1966: “A biblioteca universitária padece de penúria econômica e de crescimento de matrícula universitária Ambos incidem sobre o tipo de material bibliográfico que as bibliotecas adquirem. Em geral, os materiais se limitam a três tipos: o destinado a satisfazer as necessidades do currículo; aquele que se utiliza para a pesquisa; aquele que se dirige à formação integral do seu público, os estudantes. Iodo outro tipo de aquisição - obras raras, antigas, de luxo, etc. é causai ou esporádica, na maioria das universidades. Lamentavelmente, a limitação dos orçamentos obriga a ser posta maior ênfase na primeira classe de obras, tanto que algumas bibliotecas se vêm na situação extrema de não adquirir quase nenhuma obra de outro tipo. Esta comprovação é inquietante, visto que a investigação e o aperfeiçoamento se vêm tornando cada vez mais difícil, e esta circunstância ameaça a validade dos esforços das universidades na sua contribuição para o desenvolvimento.” (11:9)

Uma situação semelhante foi descrita pelo Professor Nery da Fonseca, em 1965, na publicação já mencionada: “... quem se dispuser a examinar os orçamentos das universidades brasileiras verificará que as maiores verbas são destinadas aos restaurantes, às lavanderias, às oficinas e laboratórios disso e daquilo, aos gabinetes dos reitores, aos edifícios suntuosos das reitorias. As bibliotecas, entretanto, estão instaladas em locais adaptados, as coleções são obsoletas, os consulentes não dispõem de orientadores nem de móveis confortáveis, os atendentes são analfabetos, porque as universidades preferem pagar salários de fome e os bons bibliotecários fogem para repartições ou indústrias onde são condignamente remunerados. Pode haver exceções, mas esta é, de modo geral, a situação das bibliotecas universitárias brasileiras.” (5:10)

Se este é o triste quadro da situação das universidades no continente latino-americano, levantamos, novamente, uma questão: quais os entraves, de ordem prática, para o desenvolvimento das bibliotecas universitárias?

Gelfand cita, entre vários obstáculos que impedem o desenvolvimento das bibliotecas universitárias em alguns países, os seguintes:

1. Falta de uma definição clara dos objetivos da universidade e da biblioteca, falta de cooperação e de compreensão por parte das autoridades universitárias e do professorado, falta de bibliotecários capacitados e de pessoal subalterno competente, falta de fundos na universidade e no país em geral;
2. Graves restrições de importação e de divisas,
3. Ajuda econômica insuficiente;
4. Locais inadequados;
5. Falta de bibliotecários competentes na universidade ou, no caso de havê-los, falta de autoridade necessária, que as suas importantes funções exigem, e da categoria que deveria ser-lhes reconhecida, dados os seus títulos e conhecimentos profissionais;
6. Métodos de aquisição e outros regulamentos administrativos excessivamente complicados;
7. Efeito psicológico negativo da responsabilidade financeira pessoal que cabe ao bibliotecário, em caso de perdas de livros. (6:14)

Um outro autor, também conhecido consultor da Unesco e autor de obra importante sobre biblioteconomia comparada, Dr. Asheim, diz o seguinte, exemplificando mais estes obstáculos: “Os problemas mais prementes (com relação às bibliotecas universitárias, em países em desenvolvimento) são repetidamente identificados como suporte financeiro inadequado, número insuficiente de livros, número insuficiente de pessoal treinado, os salários baixos e o baixo prestígio dos bibliotecários.” (1:197) O interessante é que o Dr. Asheim refere-se a estes problemas como sendo também os mais comuns em bibliotecas universitárias americanas, mas acrescenta ele, “em países em desenvolvimento estes problemas são tão agudos, comparados com os nossos, que eles se tomam diferentes, não somente em grau, mas em tipo também.” (1:197)

Um ponto que ainda nos parece interessante salientar neste artigo de Asheim, refere-se à solução que facilmente ocorre, a fim de sanar muitas das deficiências das bibliotecas universitárias na América Latina: a cooperação bibliotecária, já enfatizada em outros documentos. Mas ele levanta dúvidas a respeito desta possibilida-

de, lembrando que: “Uma das características de um país em desenvolvimento é a incerteza do serviço postal. Outra é a inadequação dos serviços telefônicos. Outra, ainda, é a insegurança dos serviços de eletricidade. Até que estes fatores, não bibliotecários, sejam aperfeiçoados, empréstimo-entre-bibliotecas e cooperação bibliotecária não podem realmente ser vistos como instrumentos factíveis para suplementar os recursos limitados e as instalações das bibliotecas universitárias.” (1:198)

Parece-nos bastante claros e suficientes os exemplos acima, e cremos não precisarmos nos alongar mais sobre esta listagem de obstáculos que impedem o desenvolvimento das bibliotecas universitárias na América Latina. Oferecemos apenas mais um pensamento, conforme expresso por outro fator brasileiro, e que resume os pontos aqui expostos: “. . . de conformidade com os objetivos globais da universidade, a biblioteca não poderá ser tolhida em sua autonomia relativa. Não poderá estar sujeita a um número excessivo de escalões hierárquicos no caminho que leva às cúpulas decisórias e deverá contar com suficiente delegação de autoridade, que seja compatível com a sua função de subsistema imprescindível ao perfeito desempenho do sistema universitário de ensino, pesquisa e extensão.” (8:172)

Um ponto que nos parece oportuno e foi levantado por Gelfand diz respeito ao fato de que, talvez, esta falta de apoio à biblioteca universitária seja motivada pelo desconhecimento, por parte daqueles a quem cabe dotá-la dos recursos e meios necessários para bem desempenhar os seus objetivos, dos serviços que podem ser prestados por uma biblioteca universitária bem dotada. Estes serviços, como foi citado anteriormente, são semelhantes àqueles prestados pelas bibliotecas especializadas. Não vamos repeti-los aqui, mas sim, enfatizá-los no que são típicos de bibliotecas universitárias, e nas palavras de Gelfand: “O papel fundamental da biblioteca (universitária) é de caráter educativo. Não se deve considerar a biblioteca como um simples depósito de livros anexo a uma sala de leitura, mas sim como um instrumento dinâmico de educação. (Este instrumento) deve nutrir a inteligência do estudante, estimular as investigações dos professores, e atrair os quantos adentrem as suas portas a participar plenamente destes recursos intelectuais e culturais. Neste contexto, a utilização da biblioteca se converte em um método de ensino, paralelo ao das classes e dos grupos de discussão tradicionais.” (6:28)

Para encerrarmos, vale a pena citar um dos grandes pensadores americanos na área da biblioteconomia, quando disse: “A biblioteca é o produto da maturidade cultural” (de um país). (15:103) Ou o que disse, especificamente sobre biblioteca universitária após extenso estudo que fez sobre o assunto, uma outra especialista brasileira: “Temos para nós que o fator primordial na solução dos problemas que afetam a biblioteca universitária, não só no Brasil, mas em qualquer país, é a cons-

cientização de que a biblioteca não é apenas um enfeixamento de técnicas manuais ou automatizadas, mas sim, predominantemente, uma questão de MENTALIDADE” (3:242)

## **ABSTRACT**

Main similarities and differences between university libraries and special libraries concerning collections. services, objectives. staff, administrative structure, administrative support and financing. Overall view of the situation of the university libraries in Latin America, existing barriers for the development of this type of library Essential factors for the creation of a favorable environment for the improvement of the university in Latin America

## **Bibliografia**

1. ASHEIM, Lester E. University libraries in developing countries **ALA Bulletin**, 59:795-802. October 1965.
2. CAN a company save: money? time? work? In SHARP, Harold S **Readings in special librarianship**. New York. The Scarecrow Press. 1963. p 26-34.
3. CUNHA, Maria Luiza Monteiro da. Bibliotecas Universitárias: algumas considerações acerca da situação no Brasil Trabalho apresentado ao 7º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação Belém. 1973. 42p.
4. FIGUEIREDO, Nice. **Review of services offered by special libraries**. (Florida, School of Library Science) 1974 18p datilografado.
5. FONSECA, Edson Nery da **Roteiro para organização de bibliotecas universitárias**. Brasília, Gráfica Piloto da Unb. 1967 38p.
6. GELFAND, M A. **Las bibliotecas universitarias de los países en vías de desarrollo**. (Paris), Unesco, (c1968). 177p.
7. LEFEBVRE, Louise. The Special Library what it is and what it can do for business and industry. In: SHARP. Harold S **Readings in special librarianship**. New York, The Scarecrow Press. 1963 p 58-69.
8. LEMOS, Antonio Agenor Briquet de & MACEDO, Vera Amália Amarante. A posição da biblioteca na organização operacional da universidade. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**. 2( 2p 167-174. julho/dezembro 1974.

9. LIMA, Etelvina. **A biblioteca no ensino superior.** Convênio CAPES/ABDF, 1978.23p.
10. MELTZER, Morton F **The information center: management hidden asset.** America Management Association (1967).
11. SABOR, Josefa E. **Revisión del concepto de las funciones bibliotecarias a la luz de la planificación del desarrollo económico, social y cultural.** Quito, Ecuador, Reunión de expertos sobre planeamiento nacional de servicios bibliotecarios en América Latina, 1966. Brasília, Biblioteca Central da UnB, 1966. 13p. mimeografado.
12. SASS, Samuel. Industrial libraries come of age. In: SHARP, Harold S. **Readings in special librarianship.** New York, The Scarecrow Press, 1963. p.48-57.
13. Seminário sobre o Desenvolvimento das Bibliotecas Universitárias na América Latina, Mendoza, setembro-outubro, 1962. /**Resumo do Informe.** São Paulo, Biblioteca Central da Universidade, 1962/1968. **Informe Final.** (Provisional) 9p. mimeografado.
14. SHERA, Jesse H. **The Foundations of education for librarianship.** Becker & Hayes, (c1972) 511 p.
15. STOICA, Ion. The place and role of the library within the university system. **Libri**, 4(27):325-340,1977.
16. STRAUSS, Lucille J.; STRIEBY, Irene M.; BROWN, Alberta L. **Scientific and technical libraries: their organization and administration.** 2nd. ed. New York, Wiley-Becker-Hayes, (c1972).
17. STRIEBY, Irene M. Looking around: the company library. In SHARP, Harold S. **Readings in Special Librarianship.** New York, The Scarecrow Press, 1963. p.35-47.
18. WALDRON, Helen J. The business of running a special library. **Special Libraries**, 622) :63-70, February 1971.
19. WILSON, Louis Round & TAUBER, Maurice E. **The University library: their organization, administration and functions of academic libraries.** 2ed. New York, Columbia University Press. (c1956). 641p.
20. WOODS, Bill M. Two decisive decades: the special library concept of service. **American Libraries**, 3(7):759-68, July/August 1972.